

cies _iscte

**Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia**

CIES e-Working Paper N.º 228/2020

**Práticas éticas e cognitivas de adesão à Sociologia fora da
academia**

Sara Franco da Silva

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte-iul.pt

Sara Franco da Silva, licenciada em Sociologia e mestre em Ciências do Trabalho e Relações Laborais pelo ISCTE. Tem trabalhado, no âmbito do mestrado, a problemática do trabalho e profissões, tendo defendido a dissertação de mestrado “A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização”. Enquanto assistente de investigação no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ISCTE) tem trabalhado sobre a temática das desigualdades sociais, territórios e bem-estar em Portugal e na Europa.

Resumo¹:

Assumindo a Sociologia nas suas três componentes – ciência, formação e profissão – procurou-se refletir acerca das configurações da cultura e identidade profissional dos sociólogos que exercem a sua atividade fora da academia. Para tal, recorreu-se a uma análise de carácter qualitativo, tendo sido utilizadas enquanto corpo empírico do estudo 19 entrevistas semiestruturadas dirigidas a sociólogos detentores de experiências e situações profissionais diversas. Os principais objetivos deste trabalho assentaram em entender práticas, princípios e representações de adesão ou de distanciamento à Sociologia preconizadas pelos sociólogos que exercem a sua atividade em contextos que extravasam os típicos papéis de “investigador” ou “professor universitário”. Neste sentido, analisaram-se questões relacionadas com a sua auto e hétero representação profissional, mas também as suas representações acerca da Sociologia e dos sociólogos. Analisou-se também em que medida a Sociologia e os conhecimentos e princípios científicos adquiridos na formação se mantêm enquanto referência destes indivíduos no desempenho da sua atividade profissional e as relações de proximidade e distanciamento que estabelecem face ao código deontológico dos sociólogos e o seu envolvimento em estruturas associativas da Sociologia. Por último, identificam-se os fatores que poderão explicar a maior ou menor adesão à Sociologia por parte dos sociólogos entrevistados.

Palavras-chave: cultura profissional; princípios científicos e deontológicos; sociólogos

¹ Este artigo resulta de uma versão revista e aprofundada da dissertação de mestrado submetida no âmbito do Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais, “A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização”, tendo como foco de análise as questões relacionadas com a cultura e identidade profissional dos sociólogos.

Abstract:

Taking Sociology in its three components – science, formation and profession – we aim to reflect on the configurations of the culture and professional identity of sociologists who exercise their activity outside the academy. We resorted to a qualitative analysis, using as the empirical body of this study 19 semi-structured interviews addressed to sociologists with diverse professional experiences and situations. The main objectives of this study were based on understanding practices, principles and representations of adherence to or distance from Sociology advocated by sociologists who exercise their activity in contexts that go beyond the typical roles of "researcher" or "university professor". We analysed matters related to their own professional representation, but also their representations about Sociology and sociologists. It was also analysed to what extent Sociology and the scientific knowledge and principles acquired in training are maintained as reference of these individuals in the performance of their professional activity and the relationships of proximity and distance that they establish in relation to the deontological code of sociologists and their involvement in the associative structures of Sociology. Finally, we sought to identify the factors that may explain the greater or lesser adherence to Sociology by the interviewed sociologists.

Keywords: professional culture; scientific and deontological principles; sociologists

INTRODUÇÃO

O presente *Working Paper* resulta de um aprofundamento da dissertação submetida para o Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais, *A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização*. Procurámos centrar-nos nas questões relacionadas com a cultura e identidade profissional dos sociólogos que exercem a sua atividade fora do mundo da academia.

A Sociologia instituiu-se em Portugal, enquanto atividade científica e área formativa, há cerca de 45 anos. Desde aí, concluíram a sua formação e integram o mercado de trabalho alguns milhares de diplomados na área. Ao longo destas décadas, a Sociologia instituiu-se enquanto profissão e os sociólogos consolidaram-se enquanto grupo profissional ao mesmo tempo que se se foi desenvolvendo e configurando a sua cultura e identidade profissional.

A cultura profissional dos sociólogos integra questões relacionadas com o seu auto e hétero reconhecimento enquanto “sociólogos”, bem como questões relacionadas com atitudes e orientações de adesão aos princípios da Sociologia, quer no que concerne ao uso das teorias, conceitos, metodologias e instrumentos de observação e análise da realidade social, quer em relação ao enquadramento da sua prática nos princípios deontológicos inscritos no código.

Quando nos debruçamos sobre a Sociologia e sobre os sociólogos deparamo-nos com um conjunto de particularidades que moldam a sua cultura e identidade profissional. Apesar de a Sociologia existir nas suas três componentes – ciência, formação e profissão –, segundo Costa (2004), tende a acontecer que seja mais reconhecida ou quase exclusivamente reconhecida, enquanto ciência e formação, e menos enquanto profissão. É ainda frequente que o reconhecimento da profissão do sociólogo esteja enclausurado no mundo académico e da investigação científica, associado unicamente aos típicos papéis profissionais de “investigador científico” ou “professor universitário”. Estas questões tendem a ganhar maior relevância quando nos debruçamos sobre os profissionais que exercem a sua atividade fora do mundo académico, pois muitas das vezes são os próprios sociólogos que tendem a levar a cabo este tipo de representações de ocultação de um campo de profissionalização da Sociologia caracterizado pela mobilização de saberes e por procedimentos de pericialidade técnica e científica que são especificamente sociológicos.

Perante estas especificidades, importa entender em que medida os profissionais que se inserem num mercado de trabalho distante do meio académico se apropriam dos conhecimentos, competências e princípios científicos e deontológicos da Sociologia no desempenho de múltiplos papéis e cargos profissionais; em que medida se identificam como “sociólogos” no seu dia-a-dia profissional e pessoal e que representações têm acerca da Sociologia, enquanto ciência e formação, e acerca do seu reconhecimento enquanto profissão; e de que forma aderem ou não às estruturas associativas da Sociologia.

Colocaram-se as seguintes perguntas de partida: 1) *Como se auto e hetero representam os sociólogos que exercem a sua atividade profissional fora da academia?*; 2) *Em que medida estes profissionais se apropriam das competências e dos princípios científicos sociológicos para o desempenho de múltiplos papéis e cargos profissionais?*; 3) *Quais as configurações de adesão aos princípios deontológicos e às estruturas associativas da Sociologia?*; 4) *Que fatores poderão explicar uma cultura profissional de maior ou menor adesão à Sociologia?*.

A estratégia metodológica seguida é de carácter qualitativo, utilizando-se como corpo empírico do estudo entrevistas semiestruturadas. As entrevistas, dirigidas a sociólogos no exercício de papéis profissionais diversos e exteriores ao mundo da academia, foram realizadas pelos alunos do 2º ano da licenciatura em Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa no âmbito da disciplina Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia. Tendo sido possível o acesso a um número alargado de entrevistas, foram selecionadas 19 entrevistas para análise.

A partir dos protagonismos dos sociólogos em referência neste estudo, procuramos analisar os aspetos relativos à sua cultura e identidade profissional, entendendo que fatores poderão explicar uma maior ou menor adesão à Sociologia. Por outras palavras, queremos entender o que é ser sociólogo fora da academia e como se configura sua a cultura e identidade profissional na contemporaneidade, percebendo igualmente as suas representações acerca da ciência sociológica.

CONTEXTOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA EM PORTUGAL

Foi apenas após o término do regime ditatorial em Portugal, depois do 25 de Abril de 1974, que se observou a inauguração da primeira licenciatura em Sociologia no país, no então Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, atual ISCTE. A oferta

universitária na área veio a crescer gradualmente, com as primeiras licenciaturas a surgirem nos anos 70, e nos anos 80 a diversificar-se pelas regiões do país. A partir dos anos 90, o ensino da Sociologia alargou o seu âmbito e multiplicaram-se os cursos de mestrado e de doutoramento. Atualmente, existem cursos de Sociologia em 10 universidades públicas portuguesas e numa universidade privada, estando cobertas todas as regiões do país (Ramos *et al.*,2018).

Consideramos, tal como Machado (1996), que a constituição de espaços institucionais destinados à transmissão de saberes especializados, específicos da disciplina que lhe está na base, foi a primeira condição fundamental que veio a permitir a consolidação da Sociologia em Portugal.

Segundo Costa (2004), apesar de a Sociologia ser um campo disciplinar que se instituiu primeiro enquanto ciência, de forma consistente, o seu processo de consolidação e crescente visibilidade e reconhecimento é indissociável de protagonismos observados quer no plano da oferta formativa, quer propriamente nas experiências de profissionalização dos diplomados na área. Os milhares de diplomados em Sociologia, entretanto, concluindo a sua formação, foram integrando uma multiplicidade de organismos públicos e privados, aí exercendo uma diversidade de papéis profissionais, com reconhecida pericialidade técnica e científica (Mauritti e Costa, 2014). Então, segundo o autor, para além da ciência, a Sociologia engloba ainda duas componentes – formação e profissão. A Sociologia enquanto ciência refere-se ao conjunto de instrumentos cognitivos, conhecimentos e práticas de investigação; a Sociologia enquanto formação diz respeito aos processos de transmissão e aprendizagem dos conceitos, teorias, metodologias e procedimentos técnicos e relacionais que acompanham a construção de perspetivas especificamente sociológicas sobre a realidade social; a Sociologia enquanto profissão remete para a diversidade de papéis e práticas profissionais dos seus diplomados, bem como para os processos de constituição dos sociólogos enquanto agrupamento profissional.

O processo de profissionalização da Sociologia em Portugal resultou do encontro de vários fatores: por um lado, do aumento da procura da ação profissional dos sociólogos (associada também à crescente complexidade e reflexividade contemporâneas); por outro, do crescimento da oferta, associada ao aumento do número de diplomados na área (Costa, 2004; Machado, 1996).

Refletindo acerca das condições de emergência da Sociologia em Portugal, Machado (1996) destaca ainda o alargamento e diversificação geral do conjunto das profissões intelectuais e científicas, acompanhando a institucionalização de diferentes valências do Estado-Providência e consequente expansão nacional dos serviços públicos na administração central e autarquias e também nas áreas especificamente sociais, de maior intervenção pública, como a educação, a segurança social e emprego. Em Portugal, as reconfigurações da estrutura socioprofissional e socioeducacional impulsionadas com a intensificação da integração do país no espaço económico europeu (1986), acompanham igualmente, ainda que com algum atraso, este aumento dos profissionais intelectuais, científicos e técnicos (Almeida *et al.* 2007; Mauritti e Nunes, 2013).

A Sociologia insere-se, então, no que Costa (2004) designa por “processos de profissionalização divergentes”² (Costa, 2004:50), nos quais certas áreas do conhecimento científico se fundamentam. Significa tal que a partir da mobilização das “ferramentas” especificamente sociológicas, os diplomados na área geram práticas profissionais de carácter mais técnico e interventivo, em múltiplos domínios de atividade e no desempenho de papéis profissionais diversificados.

Ainda, a Sociologia insere-se nas relações formação/profissão multívocas, nas quais a formação tende a ter uma articulação menos nítida com um pré-determinado setor de atividade ou papel profissional (Costa, 2004). Esta orientação multívoca, sustentada numa formação capacitadora de grande transversalidade, explica em boa medida que os diplomados na área desenvolvam estratégias de profissionalização dirigidas a uma pluralidade de atividades profissionais qualificadas, nas quais, em contrapartida, mobilizam saberes e competências específicos³.

À medida que a profissionalização dos sociólogos se foi diversificando surgiram também questões relacionadas com as dimensões relativas à representação coletiva, às competências, à conduta e às responsabilidades científicas, profissionais e deontológicas dos que exercem atividades e papéis profissionais sob o desígnio da Sociologia. Assim,

² Em oposição aos “processos de profissionalização convergentes” nos quais certas áreas começam por se instituir em torno de um domínio de práticas específicas tendendo, depois, a reforçar os conhecimentos científicos dessas práticas profissionais.

³ As competências sociológicas constituem quer conhecimentos adquiridos durante a formação universitária em Sociologia, quer conhecimentos obtidos através da prática profissional, a incorporação destas competências implica a capacidade de, perante cada situação ou desafio relacional, seleccionar, mobilizar e acionar ferramentas próprias, adequadas à realidade social específica.

um dos momentos fundamentais que contribuiu para a consolidação da institucionalização da Sociologia em Portugal foi, em 1985, 10 anos depois da criação das primeiras licenciaturas, a constituição da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e da Associação Portuguesa dos Profissionais em Sociologia Industrial das Organizações e do Trabalho (APSIOT). Este movimento associativo foi, a nosso ver, um dos mais importantes fatores do fortalecimento institucional da Sociologia. A APS cresceu e afirma-se, hoje, como uma associação representativa de todos os sociólogos, académicos e não académicos, inseridos nos vários setores profissionais. Entre as atividades assumidas por esta associação, destaca-se a articulação com outras estruturas internacionais representativas dos sociólogos, como a Associação Internacional de Sociologia (*International Sociological Association* – ISA) e a Associação Europeia de Sociologia (*European Sociological Association* – ESA); os Congressos Portugueses de Sociologia (também eles cada vez mais internacionais), organizados atualmente de dois em dois anos; as tomadas de posição pública pela defesa da Sociologia, entre muitas outras iniciativas que têm constituído prova do dinamismo e da afirmação crescente dos sociólogos enquanto grupo profissional.

Relativamente ao modo de organização dos sociólogos portugueses, vários têm sido os debates em torno da opção entre “associação” e “ordem”, ou, entre associativismo inclusivo e fechamento corporativo. À luz dos trabalhos de Costa (2018), argumenta-se que uma associação inclusiva e aberta, como a APS, permite a participação e o acolhimento de todos os diplomados na área, independentemente do contexto organizacional e das práticas e papéis profissionais desempenhados por cada um⁴.

Neste processo de crescimento, diversificação da Sociologia enquanto campo científico, formativo e profissional, outro importante momento na afirmação e consolidação do grupo científico-profissional dos sociólogos foi a concretização, em 1992, do Código Deontológico dos Sociólogos (Costa, 2004; Mineiro, 2012). Um código deontológico define-se como:

Um conjunto de princípios normativos de ética profissional, destinado a proporcionar a financiadores e clientes, a indivíduos e grupos-alvo de pesquisa ou intervenção e, em geral,

⁴ Na maioria das atividades desenvolvidas por sociólogos, estes apresentam-se sob outras designações profissionais ou estatutárias, frequentemente específicas do contexto organizacional onde se inserem, como “técnico superior”, “gestor”, “analista de informação”, entre muitas outras. Este é um dos fatores estratégicos que justifica a organização dos sociólogos numa associação aberta (Costa, 2018).

à sociedade, garantias de uma prática profissional competente e responsável por parte dos sociólogos. (Costa, 1993:787)

O código deontológico apresenta uma formulação suficientemente aberta para permitir abranger a diversidade de contextos relacionais e papéis científicos e profissionais dos sociólogos. Neste sentido, foram várias as orientações que estiveram subjacentes na sua conceção, defende Costa (1993). Entre estas, a preocupação de *incorporar os princípios cognitivos fundamentais da Sociologia* tendo em conta que em qualquer relação profissional estão implicados interesses e valores; a preocupação de *ter em conta a diversidade de papéis profissionais e setores de atividade* nos quais os sociólogos exercem a sua atividade profissional e perante os quais detêm responsabilidades enquanto profissionais especializados, bem como a *pluralidade de quadros teóricos e metodológicos* que caracterizam a Sociologia; a preocupação de enunciar, particularmente, o conjunto de *responsabilidades, deveres e obrigações* dos sociólogos; e, finalmente, a preocupação de enunciar não uma regulamentação minuciosa da prática profissional, mas sim um conjunto de *princípios normativos que permitem o desempenho responsável e competente da profissão de sociólogo*.

Deste código resultam quatro princípios fundamentais: 1) a *responsabilidade*, isto é, o reconhecimento de que do exercício da prática profissional do sociólogo, a qual é também uma prática social geradora de efeitos sociais, resultam responsabilidades quer para com a Sociologia, quer para com a sociedade; 2) a *competência*, fundada num conjunto de saberes teóricos, metodológicos, relacionais e operatórios, especificamente sociológicos, adquiridos num longo período de formação académica especializada; 3) a *autonomia* na seleção de critérios e procedimentos no desempenho profissional competente e responsável; 4) a *adesão ao código*, o qual implica que estes se guiem, na sua prática profissional, pelos princípios e responsabilidades enunciados, e que reflitam e debatam acerca do mesmo (Costa, 1993).

O código deontológico reporta assim às mais variadas situações, acautelando que no decorrer da prática profissional poderão existir situações de maior dificuldade de compatibilização dos princípios éticos e deontológicos com as exigências ou circunstâncias do contexto profissional.

A Sociologia revela-se hoje, perante a complexidade das sociedades contemporâneas, detentora de um enorme conjunto de potencialidades ao nível da análise e intervenção sobre a realidade social. Este potencial é intensificado, de forma cumulativa, pelo número

de estudantes e diplomados na área, todos eles contribuindo com a sua competência para o alargamento e diversificação dos campos de profissionalização em variados setores de atividade. A sua representação coletiva protagonizada pela APS é igualmente um fator de consolidação destas dinâmicas. Assim, a Sociologia, em Portugal, configura-se como uma ciência, um campo de transferências e aprendizagem de conhecimentos e também, como uma profissão, que implica a operacionalização de formas sociológicas de ver, de pensar, de comunicar e de fazer.

IDENTIDADE E CULTURA PROFISSIONAL

Segundo Santos (2011), autores como Berger e Luckmann (1966) evidenciam a importância da socialização secundária no processo de construção identitária e definem-na como “a interiorização dos submundos institucionais especializados, bem como a aquisição” de saberes específicos e de papéis diretos ou indiretos enraizados na divisão do trabalho” (Berger e Luckmann, 1966, *citados por Santos, 2011:51*). Segundo a autora, também Habermas (1991) considera que a raiz da identidade nas sociedades modernas assenta na esfera do trabalho e, como tal, a construção da identidade associa-se a dois sistemas: a “atividade instrumental”, isto é, os processos de trabalho e as finalidades económicas, e a “atividade comunicacional”, isto é, a interação entre os indivíduos.

Já Blin (1997) considera a existência de um referencial comum no campo profissional, partilhado pelos elementos que pertencem ao mesmo contexto, a partir do qual o trabalhador orienta a sua atividade, comunica, troca informações. Este referencial, constituído a partir do conjunto de regras relativas aos conhecimentos e procedimentos coletivos adquiridos ao longo da experiência, serve de modelo de conduta profissional e determina os modos de agir e comportamentos individuais. A cultura profissional assenta, neste sentido, num código interno, criado através da interação social entre os atores do campo e que lhes permite criar uma identidade própria ao grupo profissional. Assim, as práticas profissionais desempenham uma função identitária, no sentido em que produzem novas configurações identitárias de acordo com as tarefas, responsabilidades e exigências respeitantes à prática profissional (Santos, 2011).

O autor considera ainda que a existência de um saber específico a um grupo de atores no quadro profissional se constitui como um recurso indispensável à profissionalização do grupo e é a base do processo de legitimação. E acrescenta que o grupo profissional, para além de ser legitimado pelos seus saberes e competências teóricas específicas, é

legitimado pela sua prática. Ou seja, o grupo profissional é portador de uma verdadeira identidade coletiva quando a sua prática pretende resolver uma determinada situação social. No contexto do mundo do trabalho, o autor define a prática como “sistemas complexos de ação e de comunicação (...) próprios de interações entre os indivíduos que participam num mesmo contexto (organização e instituição) profissional” (Blin, 1997, citado por Santos, 2011:64). Conclui-se que parte integrante da identidade profissional se constrói pela experiência, isto é, no exercício da prática profissional em interação com outros profissionais, afirma Santos (2011). Para a autora esta perspectiva esquece a tensão, o conflito, as relações de poder e outros aspetos macro, como a precariedade do emprego ou o papel do Estado, que têm também um papel importante no referencial profissional comum partilhado pelos elementos do mesmo contexto.

Segundo Costa (1988), tal como outros grupos profissionais, também os sociólogos enquadram a sua prática num sistema disposicional de valores, normas e representações, designado de “cultura profissional dos sociólogos”, cujas configurações resultam de processos e condições interiores e exteriores ao campo da Sociologia. Tendo em conta as várias componentes que constituem a Sociologia, este sistema simbólico de valores e representações, diz respeito à Sociologia enquanto *prática profissional*, mas também à Sociologia enquanto *atividade científica*. Neste sentido, a cultura profissional dos sociólogos medeia a forma como aqueles se inserem no mercado de trabalho, como definem os seus papéis profissionais e assumem e mobilizam as suas competências sociológicas nos contextos onde interatuam, mas também a produção científica que se vai concebendo na área disciplinar, dessa forma contribuindo para a imagem pública que se constrói da Sociologia e dos sociólogos.

De acordo com o autor, à semelhança de qualquer outra, a cultura profissional dos sociólogos organiza-se em torno de padrões cognitivos e deontológicos, adquiridos através de processos de socialização realizados pelas escolas universitárias, associações profissionais e pela prática da atividade profissional. Claro que a cultura profissional dos sociólogos não é indiferente às condições e processos exteriores ao campo da Sociologia, sendo neste sentido, configurada e reconfigurada, ao longo do tempo, também por fatores sistémicos decorrentes do contexto envolvente.

São apontados, por vários autores, um conjunto de princípios científicos sociológicos que integram e configuram a cultura profissional dos sociólogos.

Mills (1982 [1959]) destaca a *imaginação sociológica*. Para o autor, o pensamento sociológico aparece enquanto uma prática criativa que implica a capacidade de entender as relações entre o indivíduo e a sociedade. Um dos elementos centrais da imaginação sociológica é a capacidade de olhar e compreender os fenômenos sociais tendo em conta o contexto histórico, social ou económico em que este ocorre. Para tal é necessário um sentido de distanciamento, isto é, a capacidade de entender um fenómeno indo para além das experiências e convicções pessoais, das pré-noções e preconceitos do senso comum. O sociólogo, enquanto cientista social, será alguém capaz de realizar este procedimento de olhar mais além, de entender os fenômenos indo para além das convicções pessoais de que é detentor. Este é um procedimento-chave da prática sociológica, sendo por isso um elemento nuclear integrante da cultura profissional dos sociólogos. A imaginação sociológica dota os cientistas sociais de uma nova forma de pensar, a qual é embutida de reflexão e sensibilidade. Mills (1982 [1959]) aponta ainda um outro elemento essencial da imaginação sociológica: a distinção entre *perturbações sociais originadas no meio mais próximo* (problemas sociais) e as *questões públicas da estrutura social* (problemas sociológicos). As primeiras ocorrem no âmbito das relações imediatas com os outros, dizem respeito ao indivíduo e ao seu meio imediato, isto é, ao ambiente social que decorre diretamente da sua experiência pessoal. Já as questões públicas relacionam-se com matérias que transcendem tais ambientes locais do indivíduo, relacionam-se com a organização de muitos desses ambientes sob a forma de instituições de uma sociedade como um todo, isto é, com a estrutura mais ampla da vida social e histórica. O autor reitera:

Ter consciência da ideia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes em pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir imaginação sociológica. (Mills, 1982 [1959]:17)

Costa (1988) identifica também alguns princípios científicos nucleares que integram a cultura profissional dos sociólogos. Por um lado, o autor aponta também para a necessidade, de na atividade sociológica, distinguir *problemas sociais* e *problemas sociológicos*. Isto é, a atividade profissional adequada ao sociólogo, e que não compromete a sua imparcialidade científica, implica um procedimento central: o de reformular problemas sociais em problemas sociológicos (ou problemas de conhecimento), operação que requer e, acima de tudo, fundamenta uma margem de autonomia profissional. Por outro lado, o autor destaca também a *autorreflexividade*

sociológica. Os sociólogos são detentores de uma autorreflexividade que implica, na observação dos fenómenos sociais, uma capacidade de análise crítica e de distanciamento face às representações pessoais e de senso comum. Estes procedimentos, que integram a cultura profissional dos sociólogos, diferenciam uma análise sociológica de uma análise de senso comum, e acima de tudo, constituem-se enquanto procedimentos científicos que devem integrar a cultura destes profissionais, sendo, por isso, um princípio estruturante da ciência sociológica. Os sociólogos, quando confrontados com pedidos sociais que requerem o uso de procedimentos metodológicos diferentes dos associados ao campo da Sociologia, devem realizar um esforço de deslocamento lateral dos focos de interesse, objetos de análise e paradigmas predominantes, que não implique o decréscimo dos graus de cientificidade da Sociologia, defende Costa (1988).

Este princípio de autorreflexividade resulta, claro, numa permanente autorreflexividade sociológica que os sociólogos realizam sobre a própria Sociologia, quer enquanto prática social, atividade científica ou atividade profissional. A forma como os sociólogos se pensam nas profissões que exercem e como representam o trabalho que realizam aparece enquanto fator determinante para perceber como a Sociologia se auto-reflete, alerta Mineiro (2012).

Os sociólogos, como referido anteriormente, contam com um código deontológico que enuncia um conjunto de princípios éticos e deontológicos que configuram também a sua cultura e identidade profissional. As diferentes formas de apropriação dos padrões cognitivos e deontológicos enunciados trazem consequências na forma como estes profissionais se auto e hétero representam enquanto sociólogos no exercício da prática profissional. Poderão existir conflitos entre tais padrões e o contexto profissional onde se inserem, o que resultará numa atitude de maior adesão ou de maior afastamento aos princípios da Sociologia.

As especificidades que integram a cultura profissional dos sociólogos já antes mencionadas, resultam em dois modelos de cultura profissional: a “cultura de dissociação entre ciência e profissão”, que dissocia, a vários níveis, a ciência e a prática sociológica, e a “cultura de associação entre ciência e profissão”, a qual na sua perspetiva apresenta tendências de crescimento e proliferação (Costa, 1988). A existência destes dois modelos emerge, no caso da cultura de dissociação, da ideia generalizada de que quem faz Sociologia não exerce uma profissão e de quem exerce uma profissão não faz Sociologia, e a esta acresce a noção de que aos sociólogos compete exclusivamente o ensino e a

investigação no meio universitário (Costa, 1988:110). Estas representações são configuradas por um conjunto de normas do *ethos* da Sociologia, que incluem elementos relacionados com a sua história em Portugal⁵, contribuindo para o seu enclausuramento no contexto da academia.

Sendo a Sociologia um campo disciplinar que se instituiu e consolidou primeiro enquanto ciência e depois enquanto profissão, são várias as relações que se estabelecem entre ciência e profissão. Neste sentido, Costa (2004) enuncia ainda quatro tipos de perfis sociológicos. O *perfil sociológico integrador* caracteriza-se pela seleção e mobilização de instrumentos de base científica, de forma criteriosa e ajustada aos problemas, contextos e objetivos, conduzindo a resultados de ação profissional efetivos, de qualidade e inovadores e, por isso, constituem-se enquanto vetor poderoso de operatividade profissional. O *perfil sociológico rotinizado* consiste no uso de técnicas de observação despido de reflexividade, assumindo que aquelas são resposta suficiente para qualquer questão, sem atender às características da situação, o que se revela, geralmente, de utilidade limitada para terceiros e pouco gratificante para os próprios. O *perfil sociológico desistente* caracteriza-se pela renúncia ou rejeição da matriz científica da formação de base, não se reconhecendo a eficácia dos instrumentos e produtos cognitivos da Sociologia para a ação profissional. O quarto é o *perfil sociológico academicista*, caracterizado pela rejeição da profissionalização da Sociologia fora do contexto institucional específico da investigação e do ensino.

METODOLOGIA

Para decifrar e caracterizar os sentidos e representações acerca do que significa ser sociólogo fora do contexto académico, assim como os princípios de maior adesão ou distanciamento à Sociologia, partindo das narrativas de experiências intersubjetivas de sociólogos no exercício de múltiplas atividades profissionais, foi operacionalizada uma metodologia de orientação qualitativa.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), as principais vantagens da entrevista decorrem do grau de profundidade que é possível obter relativamente aos elementos de análise recolhidos. Neste caso, testemunhos na primeira pessoa sobre trajetórias de

⁵ As primeiras etapas do processo de profissionalização dos sociólogos portugueses, marcadas pela sua constituição enquanto campo científico e institucionalização universitária.

profissionalização de diplomados em Sociologia, com os quais se procurará analisar o sentido que conferem às suas práticas, assim como as suas representações acerca do que significa ser sociólogo, bem como os sistemas de valores, referências normativas e deontológicas que orientam as suas próprias experiências.

As entrevistas semiestruturadas utilizadas para a análise foram realizadas pelos alunos do 2º ano da licenciatura em Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa no ano letivo 2017/18 e 2018/19, no âmbito da disciplina Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia, a profissionais formados em Sociologia no exercício de papéis profissionais diversificados⁶.

O corpus empírico do estudo, e a partir do qual se obtiveram as principais conclusões, envolve 19 entrevistas, de um total de 42, a onze mulheres e oito homens, com idades compreendidas entre os 28 e os 60 anos, todos residentes na Região de Lisboa e Vale do Tejo. Os critérios utilizados na constituição deste corpus pautaram-se pela dupla preocupação de garantir a maior *diversidade*, tendo como eixos de variabilidade alguns contextos socializadores produtores de diferenças, como o ano de conclusão do grau superior em Sociologia, a instituição onde desenvolveram a sua formação e as atividades profissionais exercidas; adicionalmente, a *saturação* foi o segundo critério operacionalizado, não considerando os testemunhos sem elementos novos, com repetição de conteúdos, numa apreciação que sugere, pois, que a informação substantiva, entretanto analisada, incorpora a heterogeneidade que caracteriza as experiências que demarcam o campo de profissionalização em Sociologia na atualidade.

Relativamente à delimitação do objeto de estudo, foram considerados sociólogos com pelos menos cinco anos de experiência após a obtenção do diploma de estudos em Sociologia, a exercer atividade profissional fora da academia (nem docentes, nem investigadores). Assim foi possível a observação de trajetórias diversificadas e suficientemente prolongadas em termos de relação com o mercado de trabalho. E também o facto de terem lugar fora da academia confere-lhes maior relevância na análise tendo em conta o problema de pesquisa que nos orienta.

Complementarmente ao método das entrevistas está associado um método de análise de conteúdo, aqui operacionalizado tendo como foco analítico a necessidade de

⁶ Os trabalhos dos estudantes foram orientados cientificamente pelos professores António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Sandra Palma Saleiro e Luísa Veloso, a quem reitero o meu profundo agradecimento pela oportunidade que me foi oferecida de analisar estes dados.

construção de um quadro interpretativo e comparativo dos testemunhos fornecidos pelos sociólogos, que confira significado para o problema em estudo. Tal numa orientação de decifração sistemática do sentido que os sujeitos atribuem às suas ações e práticas profissionais, nos contextos onde têm lugar, de forma a captar padrões de comportamentos e atitudes sociais, e a permitir identificar e caracterizar os fatores que determinaram essas características (Bardin, 2013). Em termos operatórios, foram selecionados os excertos mais relevantes dos testemunhos dos próprios entrevistados (frases, discursos), que foram transcritos para grelhas de leitura. Esta arrumação permitiu a comparação de experiências dos diferentes entrevistados e facilitou a análise das mesmas.

No quadro síntese em anexo (Quadro 1 – Anexo A) apresenta-se a caracterização dos entrevistados no que diz respeito aos seguintes elementos: sexo; grupos etários; grau de ensino em Sociologia; Instituição onde obtiveram essa formação e ano de conclusão da mesma; outras formações; designação profissional e setor de atividade onde exercem a sua profissão atual⁷.

Relativamente aos entrevistados, todos possuem pelo menos o 1.º ciclo de estudos superiores em Sociologia. A maioria concluiu a licenciatura em instituições de ensino superior públicas (14) e os restantes em universidades privadas (cinco). Em relação ao ensino público, 10 concluíram a sua formação no ISCTE-IUL, três na FCSH e um no ISCSP. No ensino privado, quatro concluíram a licenciatura na UAL e um na Universidade Moderna do Porto.

Dos 19 entrevistados, 13 (pouco mais de 2/3) concluíram a sua formação no período pré-Bolonha. Neste segmento, dois dos testemunhos (duas sociólogas) iniciaram a sua licenciatura em Sociologia em 1976, inserindo-se, assim, na primeira geração de sociólogos em Portugal, designado por Costa (1988), como o “período dos pioneiros”. Dos restantes 11, cinco concluíram a sua formação académica nos finais da década de 80 e na década de 90, e seis nos anos entre 2000-2008. No todo, apenas seis concluíram a sua formação superior no período pós-Bolonha (entre 2009 e 2013). Por último, relativamente à distribuição territorial das universidades onde concluíram o curso, a maioria realizou a sua formação em Lisboa, apenas dois realizaram a sua formação no

⁷ Todos os sociólogos entrevistados estão referenciados com nomes fictícios para preservar o seu anonimato, qualquer semelhança com a realidade será coincidência. Todos autorizaram, mediante declaração, a utilização dos seus dados e das entrevistas para fins de investigação académica.

Porto e um nas Caldas da Rainha (Leiria). A variabilidade da amostra verifica-se nas diferentes instituições de ensino onde concluíram os estudos em Sociologia; nos anos em que terminaram a formação (pré e pós-Bolonha); e também nos graus de ensino em Sociologia (licenciatura e pós-licenciatura).

Relativamente à atividade profissional dos sociólogos, constata-se que os entrevistados se inserem numa multiplicidade de contextos organizacionais e setores de atividade nos quais exercem um conjunto de atividades profissionais qualificadas. Inserem-se essencialmente em organismos da administração pública (Câmaras Municipais, Ministérios e outras estruturas, como agências que gerem fundos e programas europeus, escolas, etc.); em Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) prestadoras de serviços em diferentes setores; e em empresas privadas (pequenas e médias empresas, multinacionais). No que diz respeito aos setores de atividade nos quais se inserem, também estes variados, destacam-se a comunicação social, a consultoria/gestão de recursos humanos, o apoio ou assistência social a indivíduos carenciados, a educação, o ambiente, o marketing, a programação cultural, o planeamento urbano, a ciência. Nestes, adotam diferentes cargos e designações profissionais (muitas vezes, sem referência à Sociologia): “técnico superior”, “jornalista”, “consultor/técnico de recursos humanos”, “professor do ensino secundário”, “diretor técnico”, “vogal executivo”, “coordenador”, “*brand manager*”, “gestor de ciência”, “técnico de gestão ambiental” e, “sociólogo”.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DA SOCIOLOGIA

Na análise da cultura e identidade profissional dos sociólogos surge uma questão central: procurar entender como estes se autorrepresentam e como se identificam perante terceiros e as representações que detêm acerca da Sociologia enquanto área formativa, ciência e profissão.

Relativamente às questões relacionadas com a sua identificação profissional, a maioria dos sociólogos entrevistados (11 entrevistados em 19) não refere a Sociologia como a sua profissão, optando por dar primazia ao título profissional adotado no contrato de trabalho (técnico superior, gestor, entre outros). Quando questionados acerca da sua identificação profissional respondem:

“Costumo até frisar isto – não sociólogo (...) Ser sociólogo implica exercer essa atividade, fazer investigação nas ciências sociais ou de alguma forma trabalhar nessa área, não é coisa

que eu faça (...) não produzo nada na área das ciências sociais. E, portanto, não sou sociólogo” (E1-Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

“Não costumo dizer (que sou socióloga), quando me perguntam eu digo que sou de Sociologia, mas não costumo dizer – sou socióloga! (...) sou mais de gestão de recursos humanos do que de Sociologia” (E3 – Maria, 31 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Eu identifico-me como professora de Sociologia muito mais do que como professora noutras áreas...agora socióloga? Não sei se sou, porque não faço investigação, propriamente na Sociologia” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha em Escola Secundária)

Nos seus testemunhos subordinam a apresentação de si aos traços que nas suas perceções tendem a facilitar o seu reconhecimento enquanto peritos da área onde intervêm profissionalmente – no setor privado e em organismos de intervenção técnica. A Sociologia nas suas representações é “enclausurada” no mundo da academia e da ciência, e vinculada enquanto prática profissional, ao ensino e à investigação. Através destas orientações contribuem para a pouca familiarização com a Sociologia por parte de terceiros.

De forma contrária, outros entrevistados (oito em 19) fazem questão de se assumir como sociólogos e, neste sentido, reconhecem a Sociologia na e como a sua prática profissional. Autorrepresentam-se como sociólogos no seu dia-a-dia profissional (e pessoal), partilhando a sua representação enquanto sociólogos com colegas de trabalho, amigos e familiares, perante os quais fazem questão de se anunciar como sociólogos. Contrariamente ao segmento anterior, nestes testemunhos, o contexto profissional prevalecente envolve organismos públicos:

“SIM! Sempre, como sociólogo. Um enorme sim. Mesmo a ver TV, na rua, na esplanada. São coisas inculcadas” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“A minha matriz é: eu sou socióloga na minha formação e nos atos de gestão que eu pratico” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na Gebalis)

“A sociologia está em tudo, e eu conseguir aplicar aquilo que aprendi em Sociologia na minha profissão, no meu dia-a-dia, é ser socióloga!” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

Para além das questões da autorrepresentação profissional dos entrevistados, é importante entender as suas perceções sobre a aceitação da Sociologia. Isto é, como percecionam a forma como os outros (não sociólogos) veem a Sociologia, fator que poderá influenciar a forma como estes sociólogos se representam. A maioria dos

entrevistados, incluindo os que se apresentam como sociólogos, considera que existe um preconceito relativamente à Sociologia e ao papel do sociólogo, resultante de um desconhecimento acerca da disciplina, partilhado pelos outros mais próximos (amigos ou familiares e mesmo colegas) e pela sociedade em geral. Quando questionados sobre aquilo que consideram que é a opinião dos outros acerca da Sociologia, alguns respondem:

“Acho que as pessoas não sabem muito bem o que é. Por norma. (...) Eu hoje já vou ouvindo aí sociólogos, a partilhar e a falar. Mas acho que ainda não têm aquela relevância que se calhar têm noutros países. Não são muito ouvidos. Ora, se não são muito ouvidos, significa que a sociedade ainda não lhes dá aquele lugar que poderiam ter” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha numa Escola Secundária)

“Falando da população geral, eu acho que [a Sociologia] não é assim muito reconhecida, no meio académico talvez seja mais, pelo menos daquilo que eu vejo, pelo contacto com as pessoas mais próximas (...) Talvez mais por desconhecimento do que por outra coisa.” (E6-André, 31 anos, Licenciatura na FCSH em 2013, trabalha na Câmara Municipal da Amadora)

A falta de familiaridade com a Sociologia também referida por Costa (2001) é aqui apontada como uma das causas para a invisibilidade pública.

“Ainda há preconceito...Há. Eu faço de tudo para desconstruir a ideia do senso comum do que as pessoas acham da Sociologia. As pessoas não têm noção do quanto faz falta Sociologia. Está no dia-a-dia, em tudo o que fazemos” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Eu quando cheguei à Câmara Municipal de Lisboa, com outros colegas sociólogos, poucas pessoas sabiam o que é que um sociólogo fazia e na altura nós tivemos de criar, praticamente, o nosso posto de trabalho (...) O conhecimento está lá, as ferramentas estão lá, agora cabe às pessoas serem criativos ou não. Querem explorar esses conhecimentos, querer aplicar ou não” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1980, trabalha na Gebalis)

Como referimos, a ideia de que a Sociologia não é reconhecida fora do âmbito académico é partilhada por alguns entrevistados. Esta questão dá conta da forma como os próprios sociólogos incorporam, por vezes, na sua autorrepresentação, preconceitos partilhados pelos outros. Este fator poderá contribuir para uma certa inibição, dificultando que se assumam enquanto sociólogos, desde logo nos quadros relacionais que envolvem os seus exercícios profissionais. Apesar disto, encontramos igualmente testemunhos que revelam a ideia de que a Sociologia é hoje mais reconhecida na sociedade e que a cultura do sociólogo está também mais enraizada. Atribuem este maior reconhecimento a fatores como a maior visibilidade dos sociólogos na comunicação social ou às valências que têm demonstrado deter em diferentes contextos profissionais:

“Refugiados, meio ambiente, demografia, cada vez mais esta análise tem que ser feita e os sociólogos têm ferramentas utilíssimas para as fazer e temos muito a ganhar em termos sociais (...) agora já se começa a perceber mais aquilo que é um sociólogo até muito por causa da televisão em que às vezes aparecem sociólogos. Isso veio dar uma força à nossa posição. Eu acho que cada vez mais um sociólogo faz uma análise cada vez mais importante em termos sociais e de como é que as coisas estão, e para onde é que devemos de ir.” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“As próprias empresas hoje em dia já começam a olhar para os sociólogos de outra maneira porque temos muitas valências (...) Hoje começam a olhar para os sociólogos de outra maneira, sabem que têm capacidades, que têm ferramentas, que conseguem apreender” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Outra categoria que emerge nos testemunhos de perceção sobre o processo de familiarização e reconhecimento da Sociologia, que veiculam nas suas práticas, imputa como causa principal de enclausuramento académico da Sociologia, as práticas e atitudes dos próprios sociólogos, que ao comunicarem em circuito fechado (entre sociólogos) e não conferirem visibilidade à sua formação, contribuem para o não reconhecimento da Sociologia fora do circuito académico:

“É um problema da Sociologia, escrevermos para nós e para os nossos pares. A Sociologia tem alguma dificuldade em penetrar outros campos, pois lemos alguns trabalhos de sociólogos e só sociólogos é que entendem” (E4 – Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Eu acho que temos de trabalhar mais para divulgar o trabalho do sociólogo e perceber o que é que é o trabalho do sociólogo” (E10 – Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

“Não costumo dizer – sou socióloga! (...)” (E3 – Maria, 31 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

Como observado nos testemunhos anteriores, quando nos debruçamos sobre o auto e hétero reconhecimento dos entrevistados enquanto “sociólogos”, observa-se o afastamento, partilhado por alguns, face à Sociologia. A Sociologia aparece como uma referência distante, e a ideia de que só será profissionalizável no contexto académico é também partilhada por vários entrevistados. Estas crenças dos sociólogos entrevistados contribuem para a inibição e para o menor reconhecimento da profissionalização da Sociologia para além do contexto académico, bem como para a proliferação de preconceitos que inibem a afirmação dos sociólogos como profissionais capazes de mobilizar competências e conhecimentos sociológicos para a multiplicidade de contextos profissionais em que se inserem.

RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO E PROFISSÃO: ADESÃO AOS PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS DA SOCIOLOGIA

Outra questão que ganha relevância na análise dos mecanismos de distanciamento ou de adesão à Sociologia que configuram a cultura profissional dos sociólogos entrevistados, prende-se com a discussão sobre em que medida, estes profissionais, enquanto especialistas, fazem uso da “caixa de ferramentas” teóricas, metodológicas, operatórias e relacionais, adquiridas no processo formativo (e também na experiência profissional). Interessa-nos perceber se reconhecem ser portadores dessas competências e se as mobilizam no quotidiano de trabalho, com isso configurando traços fundamentais que os caracterizam enquanto profissionais especializados. Adicionalmente, questiona-se se as práticas de investigação adquiridas e o universo científico que caracteriza a Sociologia tendem a permanecer enquanto referência forte ou prática profissional dos entrevistados.

Ao longo dos seus discursos, os entrevistados destacam os quadros teórico-conceptuais da Sociologia, que se configuram enquanto *competências teóricas*, específicas de uma formação de base sociológica que se constituem enquanto recursos específicos de natureza técnica e científica, que permitem não apenas moldar e adaptar os seus comportamentos e interações com os outros, mas também a captação dos sentidos subjacentes à ação social. Destacam as *competências metodológicas*, que dizem respeito aos conhecimentos de desenho ou planeamento em função dos desafios colocados e também as oportunidades de recolha e análise de dados substantivos. Referem as *competências relacionais* adquiridas durante a sua formação, descritas como capacidades específicas de interação estratégica, que os dotam de uma sensibilidade própria para a contextualização dos comportamentos para lá das aparências momentâneas. Nas intervenções que desenvolvem no terreno através da mobilização das ferramentas enunciadas atrás, utilizam ainda, segundo os seus testemunhos, *competências operacionais*, métodos e técnicas de trabalho, destacando as capacidades de pesquisa e recolha bibliográfica que detêm, a capacidade em trabalhar com o SPSS, a capacidade de trabalho em equipa. As competências operatórias e analíticas que resultam da integração em ambientes tecnologicamente exigentes fazem parte do portfólio de capacidades destes sociólogos:

“Estar no terreno, perceber os fregueses, perceber como é que as coisas funcionam, a Sociologia é a melhor das formações para perceber o comportamento das massas” (E10-Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

“As teorias sociológicas que nos ajudam a interpretar a realidade social, recorro todos os dias às noções teóricas da Sociologia para poder analisar as relações sociais” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“A vertente do plano curricular que engloba os laboratórios, quer da observação, quer depois dos trabalhos de pesquisa são muito importantes (...) a questão do laboratório de observação, nós estarmos muito atentos ao que se passa à nossa volta, à linguagem verbal e não verbal, tudo isso é importante depois no contexto da intervenção social. (...) Se temos, por um lado, Teorias Sociológicas que nos ajudam a interpretar a realidade social, temos, por outro lado, instrumentos metodológicos que fazem parte da bagagem de um sociólogo. São ferramentas. Que nos permitem depois trabalhar” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“É isso que distingue o conhecimento científico, a análise sociológica, é nós termos um conhecimento, um aprofundamento da realidade e um conhecimento que assenta em bases científicas, e que distingue o conhecimento sociológico, o conhecimento científico do senso comum” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“Análise de dados é essencial e interpretação crítica desses mesmos dados a parte da metodologia de olhar para uma realidade e tentar perceber o método a aplicar para retirar informação (...) criar o nosso universo para depois criar a nossa base de amostra” (E18-Sónia, 45 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1997, trabalha na Agência Erasmus+)

“Eu lido com pessoas todos os dias, e são pessoas muito diferentes, formações muito diferentes, percursos pessoais e sociais muito diferentes, portanto a Sociologia acaba por me ajudar nesse aspeto (...) nesta adaptação ao discurso, à pessoa, ao contexto” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa na Consultoria de Recursos Humanos)

“Nós em Sociologia aprendemos muito a ter resiliência, a ter métodos de trabalho, de análises, de estudo, de ter a capacidade de analisar vários fatores, vários insights e conseguir chegar a uma conclusão (...) Quem vem de sociologia tem a capacidade de conseguir criar processos, métodos de estudo, de análise, de chegar a uma conclusão” (E16-Eva, 28 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2012, trabalha em Marketing)

“É essencial (trabalhar em equipa), (...) os trabalhos de grupo desenvolvidos na Licenciatura, em que cada um faz uma parte (...) acho que é importante, isso prepara-nos muito” (E15- José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Relativamente aos princípios científicos que moldam a cultura profissional dos sociólogos entrevistados e que permanecem enquanto referência na sua atividade, entre as perspetivas e ferramentas próprias que assumem destacam-se: o “olhar crítico face aos fenómenos”; “a propensão para olhar e analisar os problemas para além de preconceitos e ideias do senso comum”, assim como questionar e refletir os problemas sociais – implicando a desconstrução dos processos e conceitos subjacentes a esse problema e a sua construção segundo princípios propriamente sociológicos (Lenoir, 1996).

Alguns testemunhos evidenciam desde logo *a capacidade de abordagem diferenciada* que detêm como uma característica que os distingue nas perspetivas que constroem face aos fenómenos e às situações com que se deparam no meio profissional. Na nomeação de tais características, referem o “olhar imparcial e objetivo”, que “rejeita os preconceitos e evidências de senso comum” ou “a resposta imediata”:

“A Sociologia, o que me traz é, e que foi isso que eu gostei muito, foi uma visão muito mais aberta da sociedade, e da génese desses mesmos problemas sociológicos (...) tive um professor que dizia que o preconceito social é uma coisa que os sociólogos não podem ter, ou não devem ter.” [e acrescenta] “A questão da rutura epistemológica, do senso comum... quando nós temos essa formação e quando nos dão essa capacidade de análise, de postura social (...) acabamos por ter essa capacidade de lidar com causas, com pessoas, com coisas de âmbito social” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Tendo sempre uma visão muito aberta e ampla, sendo uma característica do sociólogo, e quase que se deve abstrair das suas convicções pessoais, uma das coisas mais difíceis” (E5 – David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFP)

“Princípio de isenção completa” (E8 – Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

Outra das características da formação científica em Sociologia também destacada pelos entrevistados implica *uma capacidade de leitura reflexiva e de raciocínio científico* acerca dos fenómenos sociais e das situações do dia-a-dia profissional, isto é, a capacidade de reflexão distanciada, para a análise e interpretação dos comportamentos sociais e dos fenómenos relacionais com que se deparam:

“A Sociologia é muito importante porque nos permite esta interpretação da realidade social de uma forma muito integradora, muito completa (...) permite fazer uma leitura dos problemas sociais (...) perceber quais são os contextos, enquadrar, perceber quais são as realidades territoriais. (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“A Sociologia é uma área que olha para os fenómenos na sociedade e que disponibiliza ferramentas para ter um olhar mais treinado sobre os fenómenos sociais” (E9 – Sara, 35 anos, Licenciatura no ISCSP em 2007, trabalha em Empresa na área de Recursos Humanos)

“Olhar para um fenómeno, por exemplo a toxicodependência ou a prostituição, e olhar para esse fenómeno com olhos de cientista social (...) E perceber ok, esta pessoa está a passar por este processo, mas temos uma génese, temos aqui um percurso que é explicado socialmente” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa na Consultoria de Recursos Humanos)

Ainda, outra competência enunciada radica nos recursos de que são detentores que lhes permitem uma *elevada reflexividade*. Na caracterização desta competência destacam a sua capacidade de observação e de crítica face aos fenómenos, adquirida ao longo do

seu percurso académico, e que se traduz numa capacidade de intervenção estratégica em diferentes contextos profissionais:

“É o olhar crítico. É sobretudo a curiosidade de não nos satisfazermos. Olharmos para determinados dados e determinada informação e termos curiosidade sobre ela” (E19 – Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de Fundos Europeus)

“O facto de estarmos exercitados para isso, obriga-nos, entre aspas, é quase que uma exigência, para termos essas obrigações, para termos pelo menos essa sensibilidade, sermos mais sensíveis às coisas, e por isso obriga-nos a sermos intervenientes” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“Porque é que é assim e não é doutra forma? E eu acho que a Sociologia tem aí uma grande...responsabilidade e potencialidade para o fazer” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha em Escola Secundária)

“O questionar, não é? Aqueles dados e olhar para a história, não é? Para, para os indicadores, conhecendo a evolução desses indicadores” (E19-Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de Fundos Europeus)

Notamos que os sociólogos entrevistados são portadores de uma elevada autorreflexividade e pensamento crítico, quer acerca da própria Sociologia, quer acerca da realidade social. Isto é, equacionam-se enquanto profissionais que constroem mecanismos de distanciamento e problematização face às representações de senso comum. Esta autorreflexividade e pensamento crítico que incorpora a cultura profissional dos sociólogos resulta, por um lado, num traço distintivo que caracteriza estes profissionais, permitindo-lhes acrescentar diferentes contributos e perspetivas face a outros profissionais, mas resulta também, num conjunto de responsabilidades sociais de que são detentores. A “maior sensibilidade” para questões sociais de que nos fala o Diogo (E8) ilustra claramente esta situação, dando conta desta reflexividade constante que caracteriza os sociólogos, que os molda enquanto atores sociais e enquanto profissionais.

Tal significa que os princípios científicos da sua formação de base, de análise e interpretação constante da realidade social, mas também de pensamento crítico, de questionamento, de objetividade, se mantêm enquanto referência destes profissionais.

ADESÃO AO CÓDIGO DEONTOLÓGICO E ASSOCIATIVISMO PROFISSIONAL

Quando estudamos a cultura profissional de uma coletividade, o conjunto de normas, valores e princípios que orientam a sua prática profissional, importa perceber as preocupações éticas e deontológicas que enquadram a prática destes profissionais.

Relativamente aos sociólogos entrevistados, consideramos que existe um distanciamento face ao seu código deontológico, sendo que a maioria afirma nunca ter sentido necessidade de o consultar. É de notar que a maioria dos entrevistados afirma que nunca se viu confrontada com algum conflito ético/moral, já outros concluíram a sua formação em Sociologia antes da existência do Código; fatores que poderão explicar o seu desconhecimento ou distanciamento face ao mesmo.

Não obstante, são enunciados nos discursos de alguns entrevistados um conjunto de princípios éticos e deontológicos que orientam a sua prática profissional. Entre estes, destacam-se o princípio de rigor científico na produção de dados; a preocupação técnica e ética como o sigilo profissional, o dever de proteger a integridade das pessoas e informações com que têm que lidar; e, enfim, o princípio de responsabilidade social para com a Sociologia e a sociedade, implicando o reconhecimento da sua pericialidade e autonomia profissional.

Os testemunhos seguintes dão conta de preocupações deontológicas das quais os entrevistados são portadores. A primeira categoria tem a ver com o princípio de responsabilidade no exercício da Sociologia:

“Há uma ética organizacional e uma profissional e não são incompatíveis. No momento em que quem me chefia me condiciona a realização do meu trabalho e levar a que a ética do meu trabalho desague em coisas pré-feitas, aí sim havia um choque. Já senti desvalorização por parte de algumas entidades, quando as coisas não vão de encontro às expectativas. Mas nós não quebramos etapas, nem compromissos éticos” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Fui eu o garante da metodologia e é isso que um sociólogo deve ser, deve ser o garante das regras, das regras científicas, mas sendo de alguma forma flexível o suficiente para as ir adaptando” (E11-João, 55 anos, Licenciatura na UAL em 1998, trabalha na CML)

Esta categoria de autonomia e responsabilidade no exercício da Sociologia, adquire uma consistência quando articulada com o princípio de imparcialidade e de separação entre o senso comum e conhecimento sociológico:

“O voluntariado, no fundo, foi uma curiosidade também sociológica de conhecer um grupo, de conhecer uma ONG (...) (...) [querer ir] para além daquilo que conhecemos ou da ideia pré-concebida de um determinado grupo de pessoas; curiosidade de conhecer exatamente e de poder ir ao terreno e de desconstruir, muitas vezes, as ideias pré-feitas” (E19- Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de fundos europeus)

“Sem objetividade caímos no naturalismo. Caímos na análise do senso comum” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

Quanto à categoria relacionada com o princípio deontológico do sigilo, da confidencialidade e da proteção de dados dos sujeitos empíricos, é assumido como uma “capacidade técnica” (Costa, 1988), para a qual devem dar a maior relevância, tendo em conta que as suas ações intervêm sobre as pessoas e as relações sociais:

“Acho que isso (confidencialidade e anonimato dos dados pessoais) é importante, nós temos sempre essa responsabilidade e esse cuidado e esse sentido ético” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“Não se pode divulgar dados sensíveis, nós temos muitos dados sensíveis, temos muitas vezes que lidar com mulheres que são vítimas de violência doméstica (...)” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Apesar do aparente distanciamento demonstrado por alguns dos entrevistados face ao código deontológico dos sociólogos, constata-se que os mesmos são portadores de um conjunto de princípios deontológicos e científicos que orientam a sua conduta profissional e que, acima de tudo, os caracteriza e define enquanto grupo profissional. Não obstante, o distanciamento dos sociólogos entrevistados perante o seu código deontológico ilustra a necessidade de alguns passos que ainda têm que ser dados (pelas associações profissionais, por exemplo) para que os sociólogos que exercem a sua atividade profissional fora da academia se revejam neste código e nos princípios éticos e deontológicos enunciados, assim será possível a consolidação e o reforço de uma cultura profissional com a qual todos os sociólogos se identifiquem.

Relativamente ao associativismo profissional destes sociólogos, e às suas práticas de envolvimento com a Sociologia (participação em eventos, congressos, seminários), variável que revela o grau de adesão e integração dos sociólogos no grupo profissional, ou seja, identificação com um coletivo organizado que partilha normas, valores morais e éticos comuns, conclui-se que, do total dos entrevistados, sete (em 19) já foram ou são membros de uma associação profissional de Sociologia, quer na APS, tendo, inclusivamente, ocupado cargos de coordenação em Secções Temáticas (E4-Luís), quer na APSIOT (Sónia-E18). O testemunho seguinte da Joana (E13) enfatiza algumas das vantagens de que os sociólogos podem beneficiar através do envolvimento associativo:

“Eu acho que isso é muito importante para um sociólogo, ser, tornar-se sócio, porque (...) têm acesso ao nível da informação dos seminários que vão havendo, os congressos, esses são muito importantes, é feito um ponto de situação, nós ficamos ali atualizados de como é que está, qual é o estado da arte, digamos assim, da sociologia” (...) “o Congresso é um ponto, é um ponto de paragem e de reflexão muito interessante e, nesse sentido, a

associação é muito dinâmica (...) porque promove e depois envolve os sociólogos nesse momento de reflexão” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

Os restantes 12 entrevistados (André-E6, David-E5, Ana-E12, Eva-E16, Miguel-E17, Maria-E3, Diogo-E8, José-E15) não são membros de nenhuma associação profissional de Sociologia. O José (E15), que não é membro de nenhuma associação profissional, traz de volta o “antigo” debate acerca da organização dos sociólogos numa ordem ou numa associação:

“Eu estou à espera da ordem, eu e a maior parte dos sociólogos, é o sonho” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Dos sociólogos que não se envolvem em nenhuma associação profissional da Sociologia, a maioria (com exceção do José-E15) também não tem por hábito a participação assídua em eventos ou congressos da Sociologia. Não obstante, alguns mantêm uma relação próxima com a Sociologia, e para além da sua afiliação em associações profissionais, fazem questão de participar assiduamente nos vários eventos/Congressos de Sociologia.

Também no que diz respeito à adesão dos sociólogos ao associativismo profissional, é observável um distanciamento dos entrevistados face à sua organização enquanto coletivo. Estas orientações são mais um traço de cultura profissional que acaba por contribuir para o não reconhecimento da Sociologia enquanto profissão.

A SENSIBILIDADE SOCIOLÓGICA

Da conjugação dos vários traços atrás enunciados resulta então uma identidade profissional que poderá ser de maior ou menor afastamento com a Sociologia. Na análise dos testemunhos dos sociólogos conseguimos identificar alguns padrões que podem constituir-se como fatores explicativos da maior ou menor adesão à Sociologia.

A “sensibilidade sociológica” dos sociólogos acompanha o processo de construção da perspetiva sociológica de “imaginação”, análise e compreensão dos fenómenos sociais, identificando as lógicas sociais segundo as quais os mesmos ocorrem e que lhes dão forma social caracterizável. O exercício dessa sensibilidade tem subjacente a utilização de competências de reflexividade crítica teoricamente informada nos conceitos da Sociologia, possibilitando as operações de objetivação e distanciamento, referidas pelos entrevistados e também a mobilização de saberes teóricos, metodológicos e relacionais, que se convertem em saberes operatórios na atividade profissional, isto é, num

desempenho profissional, especializado, sustentado e informado com base nos saberes científicos adquiridos. Observámos que na nossa amostra, alguns dos entrevistados assumem plenamente a sua “sensibilidade” especificamente sociológica na forma como interatuam no seu quotidiano de trabalho, enquanto outros, pelo contrário, se caracterizam por não assumir de forma plena a Sociologia nos seus papéis e funções profissionais.

A sensibilidade sociológica é adquirida na formação inicial em Sociologia, sendo depois moldada e consolidada nas experiências profissionais de confronto com a prática que envolvem a mobilização de conceitos, metodologias e procedimentos de operacionalização da ciência sociológica. Neste sentido, ela resulta, também, das condições de exercício dessa prática profissional, sendo o culminar das diversas experiências e papéis que os sociólogos vivenciam ao longo do seu percurso académico e profissional. Nesta medida, falar de sensibilidade sociológica é o mesmo que falar de cultura profissional dos sociólogos.

Um dos principais fatores de diferenciação para o modelo cultura de associação ou dissociação entre ciência e profissão, de que nos fala Costa (1988), prende-se precisamente com a forma como exercem, efetivamente, a sensibilidade sociológica. Enquanto alguns sociólogos referem claramente competências de utilização dos conceitos e perspectivas da Sociologia como base fundamental para o exercício de papéis profissionais, outros, que posicionamos no segundo modelo cultural de dissociação, revelam não reconhecer as mais-valias de uma formação académica em Sociologia no contexto profissional em que se inserem, e apesar de, por vezes, fazerem referência a certas competências adquiridas (teóricas e metodológicas) assumem que não são capazes de as operacionalizar na sua atividade profissional.

Foram identificados alguns fatores que poderão explicar a maior ou menor adesão à Sociologia por parte dos sociólogos entrevistados, por outras palavras, a maior ou menor capacidade de exercer a “sensibilidade sociológica” nos diversos contextos em que se inserem.

Entre estes, destacamos em primeiro lugar o contexto organizacional onde desempenham a atividade. A maioria dos entrevistados tende a atribuir uma maior ênfase à sua designação profissional “formal”, respeitante ao cargo específico que exerce na organização. Neste sentido, o contexto organizacional em que está inserido é efetivamente condicionador da possibilidade de exercício efetivo da sensibilidade sociológica. Neste aspeto, demonstra-se ainda muito facilitador da adesão o contexto de

trabalho na administração pública, particularmente em Câmaras Municipais e em IPSS de intervenção social. Alegadamente, a maior autonomia profissional no que diz respeito à definição de planos e métodos de trabalho favorece a integração dos princípios científicos e deontológicos da Sociologia na conduta e prática profissional. Quanto maior a autonomia, para reformular problemas sociais em problemas sociológicos, para aferir dados fazendo uso dos métodos e técnicas científicos da Sociologia, mais fácil será para estes sociólogos que não abandonem os princípios sociológicos que moldam a sua cultura profissional. O grau de autonomia que detêm depende do contexto profissional em que se inserem, sendo então um fator que contribui, decisivamente, para moldar a forma como articulam a Sociologia na sua prática profissional. Um dos entrevistados, Rui (E1), menciona a impossibilidade de realmente fazer Sociologia no seu contexto profissional, o jornalismo. O entrevistado reconhece que um dos princípios fundamentais que define o trabalho de um sociólogo é a “conversão de problemas sociais em problemas sociológicos”, contudo, tal operação “não lhe é permitida no contexto em que se insere”, dessa forma limitando significativamente “a possibilidade de produção de conhecimento científico”. Esta situação dá relevo ao contexto de trabalho enquanto espaço de mediação das práticas no sentido de uma maior ou menor abertura para adesão aos princípios da Sociologia. O contexto profissional, contribuindo, para a maior ou menor sensibilidade sociológica, é por isso um elemento estruturante e mediador da cultura profissional.

Outro fator facilitador da adesão à Sociologia por parte dos diplomados é a instituição onde obtiveram o diploma de estudos em Sociologia. É notável uma relação positiva entre essa adesão e a frequência de universidades públicas, especialmente, quando entre a conclusão dos estudos e o ingresso no mercado de trabalho mantêm uma relação muito próxima com a produção de trabalhos científicos sociológicos. É, por exemplo, o caso da Fátima (E22) e da Sónia (E18), ambas assistentes de investigação em projetos de pesquisa, antes de ingressarem em contextos de trabalho fora da academia.

De facto, as diferentes Instituições de Ensino Superior que oferecem a formação em Sociologia, não seguem exatamente os mesmos planos curriculares. O facto, por exemplo, de no ISCTE, o plano curricular do curso de Sociologia, para além das unidades teórico-práticas e metodológicas, conceber unidades laboratoriais, incluindo nesta oferta Unidades Curriculares que visam orientar os alunos para a prática profissional em diferentes contextos fora da academia, e promovendo o contexto direto com diferentes

profissionais da Sociologia⁸. Nestas experiências de contacto direto com sociólogos fora da academia, que são promovidas, no caso do ISCTE, quer em LEPS quer na UC de Estágio, contribuem para que, de forma antecipada, possam perspetivar aplicações da Sociologia em múltiplas áreas de atividade, permitindo que tais perceções possam fazer parte dos conhecimentos que transportam consigo uma vez concluído o curso.

Uma das entrevistadas (Joana-E13), que se identifica e representa vigorosamente como socióloga, trabalha numa IPSS na área da intervenção social, em contacto direto com outros indivíduos, além deste fator, a entrevistada é ainda detentora do Mestrado em Sociologia (para além da licenciatura), pelo que consideramos que o último grau académico em Sociologia poderá também ser um fator preponderante, isto é, a continuidade dos estudos em Sociologia para níveis superiores (pós-graduação, mestrado, doutoramento) poderá revelar-se como um fator que favorece a adesão a orientações culturais de associação entre ciência e profissão. Estes sociólogos, para além de se manterem durante mais tempo em contacto com a disciplina, incorporam em si os princípios científicos da sua formação. Este é também o caso da Sónia (E18) que se assume como socióloga e que é doutorada em Sociologia.

A análise desenvolvida confirma assim que a sensibilidade sociológica é pautada por contributos diversos que resultam de laços complexos entre as aprendizagens adquiridas durante a formação e as experiências variadas acumuladas no contexto das práticas profissionais.

Acrescenta-se ainda que a consolidação da sensibilidade sociológica por parte destes profissionais, segundo as observações que fizemos, não é indiferente à forma como aderem, ou não, às estruturas associativas representativas da Sociologia. Com efeito, os sociólogos que associam a Sociologia-ciência à Sociologia-profissão, envolvem-se nas diferentes associações profissionais da Sociologia (APS/APSIOT), por vezes como membros/sócios das mesmas, e estão a par das suas publicações e *newsletters*. Têm também uma participação regular em eventos e congressos de Sociologia.

⁸ O Portfólio Profissional dos Sociólogos criado por estudantes e alimentado através dos contactos que ano a ano os mesmos vão realizando no âmbito do Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia (LEPS) materializa esta orientação, ao mesmo tempo que permite uma visão alargada de testemunho, para dentro e fora do campo da Sociologia, sobre a variedade de papéis e contextos onde é possível localizar sociólogos. Ver <https://portfolioprofessionaldesociologos.wordpress.com/>

O associativismo e a participação em eventos/congressos/seminários da Sociologia revelam-se como mecanismos de envolvimento com a disciplina, como possibilidades reais de reflexão e atualização de conhecimentos enriquecedores para a prática profissional. Precisamente, os que não se envolvem nas associações profissionais (da Sociologia), não têm por hábito a participação em eventos/congressos de Sociologia na área, tendem a manter uma relação de distanciamento com a Sociologia. Talvez fosse interessante a Associação repensar estratégias de aproximação a estes associados, envolvendo-os ativamente nas suas iniciativas.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, aprofundou-se o estudo acerca da cultura profissional dos sociólogos que exercem a sua atividade em contextos fora academia no que diz respeito a questões relacionadas com o seu auto e hétero reconhecimento enquanto “sociólogos”, bem como as suas representações acerca da Sociologia e dos sociólogos, e atitudes e orientações de adesão aos princípios da Sociologia, quer no que concerne ao uso dos conhecimentos e competências sociológicas, quer em relação ao enquadramento da sua prática nos princípios éticos e deontológicos inscritos no código e práticas de envolvimento associativo.

Os sociólogos entrevistados apesar de reconhecerem em si e nas práticas que preconizam enquanto profissionais uma específica “sensibilidade sociológica”, materializada nos princípios atrás enunciados, a maioria não se auto e hétero representa como sociólogo quer na sua atividade profissional (nas relações em contexto de trabalho), quer na sua vida pessoal (perante amigos e familiares). Optam assim por adotar a designação respeitante ao cargo ou função que exercem para se definir e representar (deixando para trás a designação de “sociólogo”). Nestes protagonismos, contribuem para a invisibilização ou não reconhecimento da Sociologia na sociedade. Parte destes diplomados, concebe a profissão do sociólogo apenas no meio académico e, conseqüentemente, consideram não poder designar-se como tal, pois não são produtores do conhecimento científico, ocupação que nas suas representações deverá, de forma exclusiva, corresponder à ocupação de um sociólogo. A par destes protagonismos, outros profissionais assumem-se orgulhosamente como sociólogos, e fazem questão de se apresentar no seu dia-a-dia profissional, e mesmo pessoal, como tal. Este último segmento

exerce atividade, de forma prevalecente, em organismos do setor público e terceiro setor, como câmaras municipais, agências governamentais e IPSS.

Relativamente às práticas de adesão aos princípios e competências da Sociologia, a formação académica na área confere-lhes, como vimos anteriormente, ferramentas específicas de análise da realidade e dos fenómenos sociais capacitando-os para o desempenho de múltiplos papéis profissionais, assente numa pericialidade técnica e científica. O portfólio de conhecimentos desenvolvidos na formação inclui desde os quadros teóricos e conceptuais a partir dos quais constroem uma perspetiva especificamente sociológica sobre a realidade social, às técnicas de recolha, sistematização e análise de dados substantivos. Adicionalmente, são também dotados de competências relacionais e operacionais, através das quais agem e interagem, perante diferentes situações, no seio de equipas pluridisciplinares, de forma estratégica e sociologicamente informada. Entre os princípios científicos adquiridos na formação em Sociologia que permanecem enquanto referência orientadora da atividade profissional, os entrevistados destacam o olhar objetivo e imparcial perante as diversas situações, que rejeita qualquer pré-noção ou afirmação do senso comum; a observação crítica face aos problemas e a permanente reflexividade acerca dos fenómenos sociais; o questionamento constante que permite formular e reformular problemas ou levantar questões que até ao momento não se colocaram por outros. Destacam ainda as suas capacidades de transversalidade, polivalência e criatividade na resolução das relações sociais.

Ao longo dos seus discursos os entrevistados acabam por referenciar os princípios científicos que integram os aspetos relativos à “imaginação sociológica” apontada por Mills (1982 [1959]) ou a distinção entre problemas sociais e problemas sociológicos e a autorreflexividade apontadas por Costa (1988). Tal significa que os princípios científicos da Sociologia permanecem enquanto uma forte referência para alguns destes profissionais, mesmo quando exercem a sua atividade profissional fora do mundo académico, assim refletindo experiências de adesão e de aproximação à Sociologia.

Relativamente às práticas de adesão ao associativismo profissional, vimos que grande parte dos entrevistados assume não ser membro de associação profissional, mantendo, neste vetor, uma relação distante com a disciplina. Concluimos também que o movimento associativo destes sociólogos se articula com questões relacionadas com a sua identidade profissional com a Sociologia, isto é, com questões como o reconhecimento ou não da

Sociologia como a sua profissão: os que se assumem como sociólogos são também os que têm filiação e estão efetivamente mobilizados na ação associativa.

Relativamente ao código deontológico dos sociólogos, nos seus testemunhos, os entrevistados, apesar de demonstrarem um relativo distanciamento face ao mesmo, evidenciam valores éticos e deontológicos que adotam no desempenho da sua atividade profissional, nomeadamente: o sigilo, a confidencialidade, a proteção de dados, a imparcialidade e a objetividade na gestão de problemas e na produção de resultados. Adicionalmente, apontam também para as responsabilidades cívicas e sociais acrescidas que admitem sentir dado o conhecimento adquirido ao longo da sua formação académica.

Nas orientações de adesão ou distanciamento à Sociologia, o contexto profissional em que se inserem os entrevistados aparece como uma variável que estrutura a sua cultura profissional, no sentido em que possibilita ou inviabiliza a adesão aos princípios da Sociologia (princípios científicos, princípios éticos e deontológicos). Como notámos antes, os sociólogos que desempenham a sua atividade profissional em contexto de intervenção pública, com maior autonomia no local de trabalho, são também os que tendem a associar a Sociologia-ciência e a Sociologia-profissão. Os princípios científicos da Sociologia mantêm-se nestas práticas enquanto referência forte, orientando a sua conduta. Estão aqui os protagonismos que Costa (1988) posiciona no “modelo cultural de associação entre ciência e profissão”. Estes sociólogos diferenciam-se nos mais diversos contextos profissionais em que se inserem pelo tipo de olhar e raciocínio particulares que detêm sobre a realidade e sobre os problemas com que se deparam; pela sua atitude de contante reflexão acerca dos fenómenos e problemas sociais; pelas suas técnicas de recolha bibliográfica e teórica; pela mobilização de ferramentas metodológicas; pela sua capacidade de articulação entre competências de base a saberes técnicos e a outras formações complementares; e pela sua capacidade de operacionalizar e articular, em diferentes contextos, competências teóricas, metodológicas, relacionais e operatórias específicas da sua formação académica em Sociologia.

Por último, também a instituição de ensino onde concluíram a sua formação em Sociologia poderá influenciar a forma como estes sociólogos se veem e se reconhecem e, conseqüentemente, os seus princípios de adesão ou de afastamento à Sociologia. Assim como o prosseguimento dos estudos em Sociologia também poderá aqui ser uma variável relevante nesta maior ou menor adesão à Sociologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Anália Torres (2007), “A sociedade”, em António Reis (org.), *Retrato de Portugal. Factos e Acontecimentos*, Rio de Mouro, Instituto de Camões, Círculo de Leitores e Temas & Debates, pp. 43-79.
- Bardin, Laurence (2013), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições.
- Berger, Peter Ludwig e Thomas Luckmann (1966), *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Editora Vozes, citados por Clara Santos (2011), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51.
- Blin, Jean-François (1997), *Représentations, Pratiques et Identités Professionnelles*, Paris, L’Harmattan, citado por Clara Santos (2011), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 64.
- Costa, António Firmino da Costa (1988), “Cultura Profissional dos Sociólogos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5, pp.107-124.
- Costa, António Firmino da (1993), “Prática sociológica e deontologia profissional dos sociólogos”, em Estruturas Sociais e Desenvolvimento, Atas do 2º Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa, Editorial Fragmentos.
- Costa, António Firmino da (2001), *Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural.
- Costa, António Firmino da (2004), “Será a sociologia profissionalizável?”, em Carlos Manuel Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs.), *Sociologia no Ensino Superior*, Porto, FLUP, pp.35-58.
- Costa, António Firmino da (2018), “Sociólogos: Associativismo inclusivo versus fechamento corporativo”, *SOCIOLOGIA ON LINE*, nº18, pp.81-87.
- Habermas, Jürgen (1991), *The Theory of Communicative Action. The Critique of Functionalist Reason (vol.2)*, Cambridge, Polity Press.
- Lenoir, Remi (1996), “Objeto sociológico e problema social”, em Patrick Champagne *et.al* (orgs.), *Iniciação à Prática Sociológica*, Petrópolis, Vozes, pp. 59-106.
- Machado, Luís Fernando (1996), “Profissionalização dos sociólogos em Portugal: contextos, recomposições e implicações”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº20, pp.43-103
- Mauritti, Rosário e António Firmino da Costa (2014), “Formação e empregabilidade dos sociólogos em Portugal: uma perspetiva comparada nas ciências sociais”, comunicação

apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas*, Porto.

Mauritti, Rosário e Nuno Nunes (2013), “Processos de recomposição social: continuidades e mudanças”, em Renato Miguel do Carmo (org.), *Portugal uma Sociedade de Classes. Polarização Social e Vulnerabilidade*, Lisboa, Edições 70/Monde Diplomatique, pp.29-48.

Mineiro, João (2012), “Será possível profissionalizar uma ciência? Cientificidade, profissionalização e questões deontológicas na sociologia”, *CIES e-Working Paper* nº135.

Mills, Charles Wright (1982 [1959]), *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Ramos, Madalena, Luís Capucha e Inês Tavares (2018), *Quem São e o Que Fazem os Sociólogos em Portugal?*, Lisboa, Mundos Sociais.

Raymond, Quivy and Luc Van Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva Publicações.

Santos, Clara Cruz (2011), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Silva, Sara Franco da (2019), *A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização*, Dissertação de Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais, Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

WEBGRAFIA

Associação Profissional de Sociólogos: Código Deontológico dos Sociólogos, <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/> , consultado em 25-03-2019

ANEXOS

Quadro 1 – Caracterização da Amostra

Entrevistados	Sexo	Idade	Grau académico em Sociologia	Instituição, ano	Outras formações	Designação Profissional	Contextos Profissionais
E1. Rui	Masculino	47 (1972)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 1996	Mestrado em Comunicação e Jornalismo, Universidade de Coimbra (por concluir)	Jornalista	- Empresa (Jornal Regional) - Comunicação Social
E2. Rute	Feminino	29 (1990)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2011	Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos, ISCTE-IUL, 2017	Consultora de Recursos Humanos (IT)	- Empresa Privada - Consultoria de Recursos Humanos
E3. Maria	Feminino	31 (1988)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2012	Formações em contexto profissional (Comunicação em Público; Gestão de Reuniões; Inglês)	Técnica de Recursos Humanos	- Empresa Privada - Recursos Humanos
E4. Luís	Masculino	44 (1975)	Licenciatura	FCSH, 1997	Pós-Graduação em Análise de Dados, ISCTE-IUL, 2008	Técnico Superior	- Administração Pública - Ministério da Defesa Nacional
E5. David	Masculino	37 (1982)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 2001	--	Técnico Superior - Coordenador e Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores	- Administração Pública - Direção de Serviços da Qualificação do IEFP
E6. André	Masculino	34 (1985)	Licenciatura	FCSH, 2013	Curso de Técnico de Gestão Ambiental, 2011 Formações profissionais: Excel, Word	Técnico de Gestão Ambiental	- Administração Pública - Câmara Municipal da Amadora
E7. Marta		61 (1958)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 1981	Curso de Formação de Formadores	Professora do Ensino Secundário	- Administração Pública - Escola Secundária
E8. Diogo		54 (1965)	Licenciatura	FCSH, 2012	Formações profissionais: Espírito de Liderança, Gestão de Conflitos, Gestão de Património, Informática	Técnico Superior	- Administração Pública - Ministério da Educação
E9. Sara	Feminino	35 (1984)	Licenciatura	ISCSP, 2007	Formações profissionais: Proteção de Dados, Recursos Humanos	Técnica de Recursos Humanos	- Empresa Privada - Recursos Humanos
E10. Telma	Feminino	47 (1972)	Licenciatura	Universidade Moderna do Porto, 2006	Outras formações: Gestão de Conflitos, Contabilidade, Avaliação de Projetos	Diretora Técnica	- IPSS - Associação de Assistência a Idosos e Deficientes de Oeiras

E11. João	Masculino	55 (1964)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 1998	--	Técnico Superior de Sociologia (Sociólogo)	- Administração Pública - Câmara Municipal de Lisboa
E12. Ana	Feminino	35 (1984)	Licenciatura (Sociologia e Planeamento) Pós-Graduação (Sociologia)	ISCTE-IUL, 2006 ISCTE-IUL, 2008	Formações complementares: Inglês, Processamento Salarial, Legislação Laboral	Consultora de Recrutamento e Seleção	- Empresa - Consultoria de Recursos Humanos
E13. Joana	Feminino	34 (1985)	Licenciatura Mestrado (Sociologia)	ISCTE-IUL, 2008 ISCTE-IUL, 2013	Pós-graduação (Família e Sociedade), 2010	Técnica gestora de processos/ Socióloga	- IPSS - “NOS” Barreiro
E14. Sofia	Feminino	58 (1961)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 1980	Pós-graduação em Economia e Política Social, ISCTE-IUL, 1991 Outras formações: Formação de Formadores, Cursos de Gestão	Vogal Executivo do Conselho de Administração	- Administração Pública (Empresa Municipal) - Gebalis (CML)
E15. José	Masculino	53 (1966)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2011	Mestrado em Serviço Social, ISCTE-IUL, 2013 Parte curricular do doutoramento em Serviço Social	Técnico Superior de Sociologia	- Administração Pública - Câmara Municipal de Lisboa
E16. Eva	Feminino	28 (1991)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2012	Mestrado em Marketing, 2014	Brand Manager	- Empresa - Marketing
E17. Miguel	Masculino	41 (1978)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2003	Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE-IUL, 2005 Mestrado em Economia e Gestão de Ciência e Inovação, ISEG, 2013	Gestor de Ciência	- Unidade de investigação científica - ISEG (SOCIUS)
E18. Sónia	Feminino	45 (1974)	Licenciatura Doutoramento (Sociologia)	ISCTE-IUL, 1997 ISCTE-IUL, a concluir	Mestrado em Socioeconómico das Organizações, ISEG, 2003	Técnica Superior (Socióloga)	- Agência Erasmus+ - Agência de Fundos Europeus
E19. Fátima	Feminino	45 (1974)	Licenciatura Mestrado (Sociologia)	Universidade Autónoma de Lisboa, 1994 ISCTE-IUL, 1994	--	Socióloga	- Programa Operacional Capital Humano (POCH) - Agência de Fundos Europeus